

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

AMANDA COELHO CRUZ ALVES DE OLIVEIRA

**FUTEBOL FEMININO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: O MACHISMO  
ESTRUTURAL E A DESLEGITIMAÇÃO DE MARTA COMO RAINHA DO  
FUTEBOL**

SÃO CARLOS

2026

AMANDA COELHO CRUZ ALVES DE OLIVEIRA

**FUTEBOL FEMININO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: O MACHISMO  
ESTRUTURAL E A DESLEGITIMAÇÃO DE MARTA COMO RAINHA DO  
FUTEBOL**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada como  
requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em  
Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho.

São Carlos

2026

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

AMANDA COELHO CRUZ ALVES DE OLIVEIRA

### **FUTEBOL FEMININO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: O MACHISMO ESTRUTURAL E A DESLEGITIMAÇÃO DE MARTA COMO RAINHA DO FUTEBOL**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Bacharelado em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Linguística.

Área de concentração: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho

Data de aprovação: 10 / 06/ 2026.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho

Instituição: UFSCar

Prof. Me: Pedro Guilherme

Instituição: Ufscar

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a meus familiares que tanto me incentivaram na minha trajetória acadêmica. Aos meus colegas de sala pela troca de conhecimento até aqui.  
Obrigada!

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho pela condução dessa pesquisa.

Aos meus colegas Pedro Guilherme e Cairo Oliveira que me apoiaram e me incentivaram a escrever essa pesquisa.

“O preconceito e a falta de oportunidade já me doeram ao longo do meu caminho. Doeu quando meninos não me deixaram jogar. Doeu quando treinadores me tiravam dos campeonatos porque eu era apenas uma menina [...] mas minha certeza de onde eu iria chegar nunca me deixou desistir. “

(Silva, 2019)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar manifestações de discursos de ódio direcionados ao futebol feminino, especialmente para a atleta Marta Silva, observando como esses enunciados retomam sentidos historicamente construídos sobre o lugar destinado à mulher no esporte. A pesquisa parte da contradição simbólica entre a consagração de um “Rei do futebol” e a dificuldade de legitimação de uma “Rainha do futebol”, tomando como foco comentários sobre a atleta Marta Silva nas redes sociais. Como fundamentação teórica, utilizam-se os conceitos de enunciado e arquivo de Michel Foucault, as discussões sobre machismo estrutural em Pierre Bourdieu e o conceito de tecnodiscurso de Marie-Anne Paveau. A análise demonstra que muitos comentários reproduzem discursos misóginos e reforçam desigualdades históricas ainda presentes no futebol feminino.

**Palavras-chave:** Futebol feminino. Discurso de ódio. Machismo estrutural. Análise do discurso.

## ABSTRACT

This study aims to analyze manifestations of hate speech directed at women's football, especially toward the athlete Marta Silva, observing how these statements resume historically constructed meanings about the place assigned to women in sports. The research is based on the symbolic contradiction between the consecration of a "King of football" and the difficulty in legitimizing a "Queen of football", focusing on comments about the athlete Marta Silva on social media. As a theoretical foundation, the concepts of statement and archive by Michel Foucault, the discussions on structural sexism by Pierre Bourdieu, and the concept of technodiscourse by Marie-Anne Paveau are used. The analysis demonstrates that many comments reproduce misogynistic discourses and reinforce historical inequalities still present in women's football.

**Keywords:** Women's football. Hate speech. Structural sexism. Discourse analysis.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Decreto que proibia o futebol feminino .....	21
Figura 2 - Ônibus disponibilizado para as jogadoras .....	23
Figura 3 - Registro de Marta na Federação do Rio De Janeiro .....	28
Figura 4 - Marta recebe primeiro prêmio de melhor do mundo .....	28
Figura 5 - Comentários de ódio para a narradora .....	34
Figura 6 - Comentários de ódio para a narradora (2) .....	34
Figura 7 - Comentários GETV .....	36
Figura 8 - Segunda parte comentários GE TV .....	37
Figura 9 - Comentários de ódio para Marta.....	38
Figura 10 - Segunda parte comentários de ódio para Marta.....	39
Figura 11 - Comentários rainha ESPN .....	39
Figura 12 - Segunda parte comentários rainha ESPN .....	40

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. O SURGIMENTO DO FUTEBOL</b> .....	18
2.1. EM CAMPO O MACHISMO CONTINUA .....	19
<b>3. NASCE UMA RAINHA</b> .....	27
<b>4. AUTORIZA O ÁRBITRO!</b> .....	33
<b>5. FIM DE JOGO</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	45

## 1. INTRODUÇÃO

O futebol feminino tem conquistado cada vez mais público e visibilidade ao redor do mundo, especialmente com o surgimento de atletas importantes como a jogadora Marta, reconhecida em alguns círculos como Rainha do Futebol, mas é justamente o reconhecimento da atleta ou a falta dele que demonstra a forma como o discurso machista ainda determina um lugar inferior ao futebol feminino. As redes sociais são espaços onde isso acontece, com discursos de ordem machista direcionados às atletas, se valendo do anonimato dos sujeitos ali presentes, o que acaba por facilitar a disseminação desse tipo de manifestação.

O que pretendemos investigar neste trabalho são as raízes históricas desse preconceito. Em 1970, a seleção brasileira masculina ganhou sua terceira Copa do Mundo, enquanto ainda vigorava a proibição por lei do futebol feminino. Mesmo a situação tendo mudado de lá para cá, atualmente é notável a falta de incentivo dessa modalidade voltada para o público feminino.

As práticas discursivas que deslegitimam o futebol feminino não se restringem aos comentários produzidos pelos usuários nas redes sociais. Elas também se relacionam com condições históricas e econômicas que influenciam a própria visibilidade da modalidade. A cobertura esportiva da mídia está fortemente relacionada aos interesses econômicos que envolvem audiência e patrocínio. Historicamente, o futebol masculino concentrou maior volume de investimentos publicitários, o que contribuiu para sua ampla exposição nos meios de comunicação. Um indicador dessa desigualdade aparece no levantamento do Ibope Repucom sobre patrocínios de uniformes em 2025: os clubes da Série A do Campeonato Brasileiro masculino contaram com 164 patrocinadores diferentes, enquanto os clubes da Série A1 do Campeonato Brasileiro feminino registraram 92 patrocinadores. A diferença evidencia como o mercado esportivo ainda direciona mais recursos ao futebol masculino, influenciando diretamente sua visibilidade midiática. Quanto maior o investimento das marcas, maior tende a ser a exposição do produto esportivo por meio de transmissões, cobertura jornalística e ações publicitárias. Nesse contexto, a menor visibilidade do futebol feminino não decorre apenas de uma suposta falta de interesse do público, mas também de condições econômicas historicamente desiguais. (IBOPE REPUCOM, 2025; GLOBO ADS, 2025).

Dessa forma, a menor presença do futebol feminino nos meios de comunicação não pode ser interpretada apenas como resultado de uma suposta falta de interesse do

público, mas também como efeito de relações econômicas que historicamente privilegiaram a modalidade masculina, produzindo condições desiguais de visibilidade e reconhecimento.

Nesse contexto, torna-se pertinente questionar de que maneira as manifestações de ódio direcionadas à Marta Vieira da Silva, especialmente em ambientes digitais, se articulam a discursos historicamente construídos que associam o futebol ao universo masculino. Os “Discursos de ódio são manifestações depreciativas endereçadas geralmente a grupos sociais em posição de subordinação” (BRAGATO E SILVA, 2021, p. 01). Parte-se da hipótese de que tais manifestações não são episódicas, mas se inserem em uma continuidade discursiva que sustenta e atualiza formas de deslegitimação da presença feminina no esporte. Sendo o futebol um universo tradicionalmente masculino, a interdição à presença das mulheres tem uma dimensão histórica que ainda se percebe em comentários e manifestações nas redes sociais.

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, por estar voltada à compreensão de aspectos subjetivos e sociais. Busca analisar comentários de ódio presentes nas redes sociais direcionados ao futebol feminino, especialmente à jogadora Marta Vieira da Silva, atleta do Orlando Pride e da Seleção Brasileira, relacionando-os ao machismo estrutural presente na sociedade.

Segundo Schmidt Godoy (1995, p. 21),

As pesquisas qualitativas oferecem melhores resultados quando o objeto de pesquisa são os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais em diversos ambientes. "Algumas características básicas identificam os estudos denominados qualitativos". Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (Godoy, 1995, p. 21).

O nosso olhar sobre essa questão - as manifestações de ódio nas redes sociais contra Marta como inseridas numa perspectiva de uma ordem do discurso machista, se dá a partir da mobilização do conceito de arquivo em Michel Foucault (FOUCAULT, 2008). O arquivo é o conjunto de regras históricas que estabelecem as condições de possibilidade dos discursos em uma dada sociedade. Assim, compreende-se que os discursos machistas direcionados ao futebol feminino não são fenômenos isolados ou recentes, mas integram um arquivo discursivo que, historicamente, construiu o futebol como um espaço masculino. O discurso machista continua produzindo sentidos na contemporaneidade,

manifestando-se, por exemplo, nas interações em mídias digitais direcionadas a atletas como Marta.

A compreensão do discurso como prática social é fundamental para analisar as relações de poder presentes na sociedade. Para Foucault (2018), o discurso não é apenas uma forma de linguagem ou fala, mas um conjunto de práticas produzidas por saberes e como efeito de relações de poder. Nesse sentido, as expressões linguísticas são determinadas por regimes discursivos que definem o que pode ou não ser dito, quem pode falar, em que contexto e com que autoridade. Conforme afirma Foucault em sua obra *A Ordem do Discurso* (1971, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou encobre) o desejo; é também o objeto do desejo; o discurso não é apenas aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, e por meio de que, se luta; o poder do qual queremos nos apoderar”.

Nas mais variadas interações sociais online, independentemente do contexto social, histórico, político ou cultural, estamos propensos a ocupar tanto o papel de emissores quanto de receptores de diferentes formas de ataques. No artigo “Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática” de Teixeira e Caminha (2013), os autores destacam as conquistas do sujeito feminino nos meios sociais e executivos. Além disso, também são colocadas em pauta as atividades predominantemente tidas como voltadas para o público masculino e uma delas é o futebol. Apesar de essa modalidade esportiva ser a principal praticada no Brasil e uma das mais populares, o futebol feminino ainda não é aceito pela sociedade e por isso não tem a mesma visibilidade da praticada pelo público masculino.

As figuras femininas nos mais diversos meios são constantemente alvo desses discursos de ódio, especialmente em espaços historicamente masculinos, como o futebol. No caso desse esporte, mulheres não apenas como atletas, mas também como comentaristas, árbitras e narradoras esportivas, sofrem ataques frequentes e violentos, sobretudo nas mídias digitais, como Instagram, Twitter (X) e Facebook. A visibilidade dessas profissionais, especialmente de figuras como Marta, considerada a “Rainha do futebol”, evidencia não apenas conquistas históricas, mas também a permanência de discursos machistas que buscam deslegitimar sua atuação.

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é pensar a passagem do preconceito ao ódio em perspectiva histórica, demonstrando como o machismo estrutural destina espaços específicos para a mulher, além de evidenciar a contradição simbólica existente na consagração de um “Rei do futebol” em oposição à dificuldade de legitimação de uma

“Rainha do futebol”. A partir desse objetivo geral, estabelecem-se como objetivos específicos: flagrar, por meio da materialidade discursiva, os discursos de ódio e machistas direcionados a Marta nas mídias digitais; e estudar as relações entre sujeito feminino, discurso de ódio e discurso digital.

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender as interseções entre o futebol feminino, o discurso de ódio e as mídias sociais no contexto brasileiro contemporâneo. A crescente visibilidade das atletas expõe não apenas conquistas, mas também inúmeros ataques que refletem preconceitos estruturais de gênero. Nesse sentido, analisar como o discurso de ódio é construído e propagado nas redes sociais contra mulheres no futebol torna-se essencial para identificar mecanismos de silenciamento, exclusão e reforço de estigmas que ainda persistem, mesmo diante dos avanços na participação feminina no esporte.

Além disso, o estudo contribui para uma leitura histórica da marginalização do futebol feminino no Brasil, retomando, por exemplo, a proibição oficial da prática esportiva por mulheres no século XX e as resistências que marcaram o percurso até o reconhecimento atual. Ao articular passado e presente, busca-se evidenciar como discursos discriminatórios se adaptaram às novas plataformas de comunicação, mantendo-se como barreiras simbólicas ao pleno exercício do protagonismo feminino no esporte. Dessa forma, pretende-se fomentar reflexões críticas sobre a cultura esportiva brasileira, os papéis sociais atribuídos às mulheres e o impacto das mídias digitais na reprodução ou contestação desses discursos.

Nesse sentido, torna-se pertinente considerar as contribuições de Marie-Anne Paveau, que compreende os discursos digitais como produções intrinsecamente vinculadas ao ambiente técnico em que emergem. Conforme afirma a autora, “a internet [...] não constitui um simples suporte [...], mas um ambiente que configura estruturalmente as escritas” (PAVEAU, 2015). Dessa forma, os tecnodiscursos apresentam características como a ampla circulação, a replicabilidade e a diluição do sujeito enunciador, favorecendo a emergência de enunciados frequentemente produzidos por sujeitos anônimos ou coletivizados. No contexto desta pesquisa, tais condições contribuem para a intensificação e naturalização de discursos de ódio direcionados ao futebol feminino, evidenciando como o ambiente digital potencializa práticas discursivas machistas historicamente constituídas.

Sendo assim, o presente estudo objetiva analisar, de modo geral, as manifestações de discurso de ódio direcionadas ao futebol feminino na contemporaneidade, com ênfase

nos enunciados produzidos nas mídias digitais acerca da atleta Marta, amplamente reconhecida como a “Rainha do futebol”. Busca-se, desse modo, compreender quais elementos constituem e sustentam tais discursos, considerando os comentários e interações em redes sociais como materialidades discursivas de análise, bem como apreender as relações entre essas manifestações e o contexto histórico-social marcado pelo machismo estrutural.

Espera-se que esta pesquisa possa evidenciar como práticas discursivas contemporâneas, especialmente no ambiente digital, operam na reprodução de desigualdades de gênero, reforçando mecanismos de deslegitimação da presença feminina em espaços historicamente masculinizados, como o futebol. Ademais, o trabalho propõe-se a contribuir para a reflexão acerca da permanência e ressignificação de discursos discriminatórios, mesmo diante dos avanços conquistados pelo futebol feminino.

A partir do que foi mencionado anteriormente, a presente pesquisa tem como proposta analisar os comentários em redes sociais com tom machistas a fim de desqualificar o futebol feminino, com ênfase nos comentários produzidos em ambientes digitais acerca da atleta Marta com intuito de menosprezá-la como jogadora de futebol, algo que não acontece com atletas do gênero masculino.

Sendo assim, se aplicarão as contribuições teóricas de Michel Foucault, especialmente no que se refere aos conceitos de enunciado e arquivo em relação com a concepção de discurso. O arquivo é compreendido como elemento fundamental para a identificação das condições históricas que tornam possíveis determinados dizeres, bem como para a compreensão de como esses enunciados se mantêm e se atualizam ao longo do tempo. É por ter existido historicamente o preconceito, a proibição e o silenciamento do futebol feminino que se tornam possíveis, em pleno século XXI, as manifestações de ódio em relação à ideia de uma rainha do futebol, reforçando a construção histórica de que a prática do esporte é prerrogativa dos homens. Assim, mesmo que a proibição do esporte já não seja felizmente uma realidade, persistem as desqualificações de sua prática.

O funcionamento do arquivo é determinado pelo conceito de enunciado, entendido como a unidade mínima do discurso. Para Foucault (2008), o enunciado não se reduz a uma estrutura linguística, mas diz respeito às condições que tornam possível a existência de determinados dizeres em um contexto específico. Assim, a análise dos enunciados permite identificar regularidades, bem como as relações de saber e poder que sustentam as manifestações de ódio direcionadas à atleta.

Segundo o autor, o enunciado corresponde a “uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos” (FOUCAULT, 2008, p. 98). A partir dessa perspectiva, a função enunciativa relaciona-se às posições de sujeito que ocupam o discurso, aos referenciais mobilizados e ao domínio associado em que os enunciados emergem e circulam. Diferentes indivíduos podem ocupar, por exemplo, a posição sujeita machista, que compreende o futebol como prática restrita ao universo masculino. E tais manifestações emergem em relação com outros enunciados que o confirmam ou contestam, o que se entende por domínio associado. A regularidade dos discursos faz com que os enunciados não sejam vistos como manifestações individuais, mas sim disputas discursivas. Dessa forma, os discursos presentes nas redes sociais acerca do futebol feminino não surgem de maneira isolada, mas articulam-se a outros enunciados historicamente construídos, que sustentam práticas de deslegitimação e manifestações de ódio direcionadas às atletas, especialmente à Marta Vieira da Silva.

Nessa perspectiva, entende-se que os discursos machistas presentes nas redes sociais não são fenômenos isolados, mas integram um arquivo discursivo que historicamente construiu o futebol como um espaço predominantemente masculino.

Para entender a ideia do machismo estrutural recorreremos às contribuições de Pierre Bourdieu acerca da dominação masculina, compreendida como uma estrutura simbólica que naturaliza hierarquias de gênero e determina socialmente os espaços considerados legítimos para homens e mulheres. Para o autor, “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção” (BOURDIEU, 2002, p. 18), uma vez que as relações de dominação tendem a ser incorporadas e reproduzidas como naturais no interior da sociedade. Nesse sentido, a resistência à presença feminina no futebol e os discursos de desqualificação direcionados às atletas podem ser compreendidos como efeitos de uma estrutura social historicamente marcada pela exclusão das mulheres de espaços tradicionalmente associados à masculinidade. Assim, os comentários machistas direcionados à Marta nas mídias digitais revelam não apenas opiniões individuais, mas a atualização contemporânea de mecanismos simbólicos de dominação e silenciamento.

Recorre-se também às contribuições de Marie-Anne Paveau, especialmente ao conceito de tecnodiscurso, a fim de compreender as práticas discursivas no ambiente digital, marcadas pela circulação ampliada, pela replicabilidade e pelo apagamento do sujeito que enuncia tais comentários machistas e com intuito de discriminar Marta como jogadora. Dessa forma, busca-se evidenciar como tais discursos, frequentemente

produzidos por sujeitos anônimos ou coletivizados, contribuem para a manutenção da desvalorização do futebol feminino e para a reprodução de estruturas de desigualdade de gênero no contexto contemporâneo.

Desse modo, a presente análise busca não apenas identificar a presença de discursos de ódio, mas compreender os mecanismos que os sustentam e os fazem persistir ao longo dos anos. Ao articular contribuições de Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Marie-Anne Paveau, o estudo pretende evidenciar como práticas discursivas contemporâneas, especialmente nas redes sociais, operam na reprodução de desigualdades de gênero, ao mesmo tempo em que revelam tensões e resistências frente à crescente visibilidade do futebol feminino.

Por fim, este estudo apresenta-se como um aprofundamento das condições históricas e sociais que permeiam a construção desses discursos, articulando-as às dinâmicas atuais das mídias digitais.

Na sequência, são apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam a análise, com destaque para a perspectiva da análise do discurso, seguidos dos procedimentos metodológicos adotados. Finalmente, realiza-se a análise do corpus selecionado, composto por comentários extraídos de redes sociais, a fim de evidenciar os modos de funcionamento do discurso de ódio no contexto investigado.

Desse modo, ao tomar como objeto de análise os discursos que circulam nas mídias digitais, esta pesquisa também busca evidenciar como tais práticas discursivas não apenas refletem, mas também reforçam e atualizam relações de poder historicamente constituídas. Ao problematizar essas manifestações, pretende-se contribuir para uma leitura crítica do futebol enquanto espaço social em disputa, no qual a presença feminina ainda é constantemente contestada e apontada.

Com o encerramento deste capítulo introdutório segue-se para o capítulo “O surgimento do futebol”, onde será relatada a história da modalidade com seu surgimento até chegar aos dias atuais. No seguinte, “O futebol não é para mulher”, retrata-se a história do futebol feminino e as dificuldades enfrentadas pela modalidade com as proibições impostas pelo governo e o preconceito enfrentado pelas atletas.

Adiante, em “Nasce uma rainha”, trata-se da história da rainha do futebol feminino desde sua infância, início de carreira no Brasil e suas maiores conquistas como o prêmio de melhor jogadora do mundo até sua figura ser de inspiração para outras jogadoras.

No capítulo intitulado “Autoriza o árbitro!”, segue-se para análise de comentários presentes nos posts em redes sociais que desqualificam o futebol feminino e diminuem Marta como a “rainha” do futebol, mobilizando-se as teorias sobre o machismo estrutural de Pierre Bourdieu acerca da desvalorização do futebol feminino e as teorias de tecnodiscurso de Marie-Anne Pauveau acerca dos discursos digitais e enunciado e arquivo para Foucault.

E por fim, o capítulo “Fim de jogo”, em que são apresentados os resultados da análise dos comentários de ódio direcionados ao futebol feminino e à jogadora Marta Vieira da Silva. Busca-se compreender como esses discursos são construídos e legitimados nas redes sociais a partir de relações de poder, memórias discursivas e práticas machistas historicamente enraizadas na sociedade.

## **2. O SURGIMENTO DO FUTEBOL**

Os estudos sobre o surgimento do futebol indicam que sua origem mais antiga, reconhecida pela FIFA, foi na China, por volta do século III a.C. Porém, a modalidade como é conhecida nos dias atuais teve início na Inglaterra, por volta do século XIX. De acordo com Oliveira (2012), entre os séculos XVI e XIX, a prática esportiva era vista pelo clero como algo vulgar e que incitava a violência entre os camponeses e também acreditavam que o futebol afastava os trabalhadores das igrejas pois eles acreditavam que eles preferiam ir para as ruas praticar o esporte a ir às missas.

O autor ainda cita que:

[...] praticar esportes era uma atividade exclusiva da nobreza, que tinha preferência por outras atividades, tais como a prática do arco-

flecha e equitação. No passado, os esportes tinham como objetivo simular os combates que ajudaram a moldar o mapa geopolítico da Europa. Assim, o futebol era visto como um “passatempo” vulgar pela aristocracia agrária [...] (Oliveira, 2012, p. 171)

Anos mais tarde, na segunda metade do século XVIII, o futebol migrou da classe camponesa para os trabalhadores urbanos das grandes cidades na Inglaterra, porém isso levou o parlamento inglês, em 1835, a proibir a prática desse esporte, pois segundo eles o futebol era motivo de distração e lesões entre os trabalhadores, o que causava a perda de produtividade nas indústrias.

Foi após revoltas de trabalhadores e anos de proibição que o futebol voltou a ganhar força na Europa, começou a ser disputado entre escolas inglesas e a modalidade foi restabelecida como um esporte de inverno com regras muito mais seguras.

Em 1894, retornando da Inglaterra, chega o “pai do futebol brasileiro”, Charles Miller, filho de imigrantes, que foi estudar na Europa e trouxe consigo para o Brasil uma bola de futebol, uniformes e as regras da modalidade que era praticada nas escolas inglesas (AQUINO, 2002). Dessa forma, o futebol começou a se espalhar pela elite brasileira, em escolas que tinham influências europeias e principalmente inglesas.

Por outro lado, de acordo com Oliveira (2012), não demorou muito para que as camadas menos favorecidas do Brasil passassem a jogar futebol para se distrair, conversar e até mesmo competir, e com isso a modalidade esportiva já estava espalhada por todos os lados nas grandes cidades, desde cortiços até as escolas da elite.

Anos depois, na década de 1930, o futebol consolidou-se como uma das principais paixões dos brasileiros. Esse processo ocorreu, em grande medida, em função do contexto político marcado pelas ideias nacionalistas de Getúlio Vargas (1930-1945). Foi nesse período que o esporte passou a ser reconhecido não apenas como uma prática esportiva, mas como um elemento significativo da identidade nacional (MASCARENHAS, 2012).

## 2.1. EM CAMPO O MACHISMO CONTINUA

Pensar a respeito do futebol feminino no Brasil e no mundo, não é apenas pensar em resultados e história assim como na modalidade masculina. O futebol feminino passou por uma série de dificuldades desde seu surgimento, como proibições e preconceitos, e, até a atualidade, as atletas lutam para serem valorizadas e respeitadas na modalidade.

O futebol feminino teve seu início no final do século XIX, no Reino Unido, com a fundação do Ladies Football Club. Esse foi o primeiro time de futebol feminino, criado

pela ativista dos direitos das mulheres, Nettie Honeyball. A primeira partida oficial entre mulheres ocorreu em 23 de março de 1885, em Crouch End, na Inglaterra.

No entanto, durante a Primeira Guerra Mundial, o futebol feminino começou a ganhar ainda mais força na Inglaterra, uma vez que os homens iam para as batalhas e as mulheres ficavam em seu país trabalhando nas indústrias para construção de itens bélicos. Na época, até mesmo autoridades começaram a incentivar a prática do esporte entre elas, pois incentivava o trabalho em equipe e desenvolvia o físico para ter mais força para o trabalho.

#### Segundo o Observatório da Discriminação Racial no Futebol:

O grande salto do futebol feminino aconteceu em 1917. Naquele ano nasceu a Challenge Cup, conhecida também como Munitionettes' Cup por envolver as trabalhadoras da indústria de munições. Na decisão, 22 mil pessoas assistiram à vitória do Blyth Spartans sobre o Teeside por 5 a 0, em jogo realizado no Ayresome Park, o estádio do Middlesbrough. Entre as estrelas da equipe estavam Bella Reay, autora de mais de 130 gols naquela campanha, e Jennie Morgan, que saiu direto de seu casamento para um jogo e, mais do que entrar em campo, anotou dois gols para a equipe. (OBSERVATÓRIO, 2018)

Segundo registros, o futebol feminino passou a ser proibido na Inglaterra por volta de 1918, após o fim da Primeira Guerra Mundial, pois os homens voltaram a “tomar” seus lugares nas fábricas e as mulheres voltaram ao que chamavam de “lugar”, que eram os afazeres domésticos.

Historicamente, a sociedade construiu a ideia de que o espaço feminino estaria restrito ao ambiente doméstico, enquanto os homens ocupavam os espaços públicos, como o esporte. Para Pierre Bourdieu, essa divisão é naturalizada socialmente, fazendo com que desigualdades sejam percebidas como algo “da ordem das coisas” (BOURDIEU, 2002).

Em 1921, a proibição ganhou ainda mais força quando a Football Association determinou que o futebol não poderia ser praticado por mulheres em estádios oficiais, além de proibir que clubes emprestassem seus campos para a realização de partidas femininas. A justificativa apresentada foi de que “o jogo de futebol é totalmente inadequado para o sexo feminino e não deveria ser encorajado” (FOOTBALL ASSOCIATION, 1921).

Na França, há registros da criação de um dos primeiros times femininos, em 1912, conhecido como *Fémina*. Apesar disso, a prática do futebol por mulheres enfrentou resistência institucional, sendo proibida em 1941 pela Federação Francesa de Futebol

durante o regime de Vichy, no contexto da Segunda Guerra Mundial. A modalidade só voltou a ser oficialmente permitida na década de 1970 (NIKE, s.d.).

Já no Brasil o futebol feminino teve os primeiros registros nos anos 20 e 30 nos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e São Paulo. Porém, até a década de 40, não havia registros de partidas oficiais da modalidade. Um marco importante da modalidade foi quando duas equipes cariocas, o Sport Club Brasileiro e o Casino do Realengo, disputaram uma partida preliminar antes do amistoso entre São Paulo e Flamengo que aconteceria naquela mesma noite. O jogo foi um marco histórico, com cerca de 65 mil pessoas presentes, e terminou com a vitória do S.C. Brasileiro por 2 a 0.

No entanto, esse avanço da modalidade foi interrompido no ano seguinte, em 1941, quando foi instituída uma regulamentação que proibia o futebol feminino no Brasil em que se discutia a profissionalização da modalidade. Então o CND (Conselho Nacional de Desportos) instituiu um decreto-lei (3199, art 54) que dizia que mulheres não podiam praticar esportes que fugiam de sua natureza física. Em 1965 a proibição foi detalhada e citou nominalmente os esportes proibidos como "lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo-aquático, rugby, halterofilismo e beisebol" (BRASIL, 1965).

Figura 1 - Decreto que proibia o futebol feminino



**Fonte:** <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/07/o-decreto-lei-que-proibiu-mulheres-de-jogar-futebol-no-brasil-por-40-anos.html>

Apenas em 1983 o futebol feminino foi regulamentado, e a prática da modalidade foi permitida nas escolas, além de criar calendários e utilizar os estádios. Os primeiros clubes brasileiros a serem pioneiros do futebol profissional foram o Saad de São Caetano do Sul e o Radar do Rio de Janeiro. Em 1988, na China, foi realizado um modelo de mundial chamado de Women's Invitational Tournament. O site Dibradoras, em 2019, divulgou algumas curiosidades desse torneio, entre elas, os uniformes utilizados pelas atletas já que “[...] não houve nenhuma confecção especial para elas, então as camisas, shorts, calças e agasalhos que compunham os trajes obrigatórios para as atletas no

Mundial eram as sobras daquilo que era entregue para a seleção masculina.” (DIBRADORAS, 2019)

Alguns anos mais tarde, em 1991, a CBF assumiu oficialmente o time feminino e foi disputada a primeira Copa do Mundo da Fifa da modalidade. A seleção brasileira teve menos de um ano de preparação e foi eliminada logo nos primeiros jogos do torneio.

Em 2003 a “Rainha Marta” disputou sua primeira Copa do Mundo e já chamava atenção entre as jogadoras mais experientes. Aquele, aliás, seria o primeiro Mundial também da atacante Cristiane. Um ano depois, era a temporada mais vitoriosa da seleção com a medalha de prata nos jogos olímpicos, e essa conquista dava esperança para o futebol feminino ser mais valorizado no Brasil, mas, até aquele momento, nenhuma competição nacional se mantinha no país.

Contudo, a expectativa de maior valorização do futebol feminino no cenário brasileiro não se concretizou de forma imediata e consistente. Apesar dos resultados expressivos da seleção, a modalidade não recebeu políticas contínuas de investimento e incentivo, tanto de instituições esportivas quanto da iniciativa privada. A estagnação do futebol feminino no período ocorreu devido à ausência de campeonatos nacionais estruturados, à pouca visibilidade midiática e ao baixo interesse de patrocinadores. Esses fatores impediram que as conquistas importantes se traduzissem em avanços duradouros.

O ano de 2017 marcou o pontapé inicial para o futebol feminino no Brasil, uma vez que a Conmebol obrigava os times brasileiros que queriam disputar suas competições a terem times femininos além do masculino, e a partir de 2019 a CBF também adotou essa medida. “A partir de 2019, os clubes de futebol do Brasil que não tiverem um time feminino disputando competições nacionais estarão proibidos de disputar a Copa Libertadores. Esta é uma das principais exigências do regulamento de licenciamento de clubes da CBF” (GE, 2017)

Porém a desvalorização do futebol feminino não foi “resolvida”. Após essa regulamentação houve diversos casos, um deles em 2024, quando o time feminino do Corinthians disputou a Libertadores organizada pela Conmebol no Paraguai, e a atacante do time paulista Gabriela Zanotti em seu Instagram expôs que o ônibus disponibilizado pela organização do torneio não estava em boas condições.

Figura 2 - Ônibus disponibilizado para as jogadoras



**Fonte:** <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2024/10/14/gabi-zanotti-do-corinthians-critica-estrutura-de-onibus-da-libertadores-feminina-veja-fotos.ghtml>

O Brasil é reconhecido como o país do futebol masculino, pentacampeão mundial e que revelou diversos craques como Pelé, Ronaldo e Zico, porém o futebol feminino não tem esse mesmo reconhecimento. Por exemplo, um time brasileiro masculino leva milhares de torcedores aos estádios em suas partidas, no entanto, quando é na categoria feminina, não é bem assim. Essa fala da pesquisadora do Rio Grande do Sul, Silvana Goellner, retrata um dos motivos da desvalorização da modalidade:

O papel que a nossa sociedade designa para as mulheres é secundário, não é um papel de protagonismo. E tem essa ideia de que o Brasil é o país do futebol. Quando se fala de um esporte que é a identidade nacional e que é representado sobretudo pelos homens e para os homens, isso piora. As mulheres entram ali e desestabilizam essa representação. (GOELLNER, 2019)

Entretanto, apesar dos avanços recentes, o futebol feminino ainda enfrenta uma profunda desigualdade estrutural em relação ao masculino. Essa diferença se manifesta principalmente nos salários das atletas, na distribuição de patrocínios e na visibilidade midiática. Enquanto jogadores homens recebem salários milionários e ampla cobertura da mídia, muitas jogadoras ainda precisam conciliar a carreira esportiva com outros trabalhos para se manterem financeiramente.

Segundo Carvalho para o JusBrasil:

Enquanto a melhor jogadora do Brasil recebe **400 mil dólares** por ano, o nome de maior destaque da seleção brasileira recebe US\$50 milhões de salário mensal (125 vezes mais do Marta). Em outras palavras, Marta recebe o equivalente a 0,8% do salário de Neymar. (CARVALHO, 2023)

Além disso, a desvalorização e o preconceito não ocorrem somente por parte das organizações das competições, mas também por parte do público e isso se deve muito ao machismo enraizado na sociedade de que o futebol deve ser praticado somente pelo público masculino. O filósofo francês Pierre Bourdieu em sua obra *A Dominação Masculina* faz uma reflexão sobre o sujeito feminino e o comportamento que a sociedade espera que as mulheres tenham, e isso é um dos principais motivos pelos quais os indivíduos acreditam que as mulheres não podem praticar esportes pois: “espera-se das mulheres, que sejam femininas, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas, e às vezes até mesmo eclipsadas” (BOURDIEU,1998, p.94).

No artigo “Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática”, Teixeira e Caminha (2013) destacam as conquistas do sujeito feminino nos meios sociais e executivos. Além disso, os autores colocam em pauta atividades predominantemente associadas ao público masculino, como o futebol. Apesar de essa modalidade esportiva ser a principal praticada no Brasil e uma das mais populares do mundo, o futebol feminino ainda enfrenta resistência social e não possui a mesma visibilidade que o masculino. Nesse contexto, os autores afirmam que:

preconceito está vinculado à necessidade de assegurar a reprodução do arquétipo feminino de ‘maternidade’ e ‘dona do lar’ de maneira a impedir, bloquear ou retardar a quebra da hegemonia econômica capitalista que reconhece a divisão binária entre “homem/sexo forte” e “mulher/sexo frágil” como a única legítima aos olhos da sociedade. (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013, p. 267).

A cobertura midiática também desempenha um papel fundamental nesse cenário. Jogos femininos frequentemente não são transmitidos em horários acessíveis ou sequer são televisionados, o que limita o alcance da modalidade e dificulta a conquista de novos públicos. Dessa forma, a baixa visibilidade acaba reforçando a ideia de menor importância do futebol feminino, criando um ciclo de desvalorização.

Januário, Veloso e Cardoso (2016), ao analisarem a cobertura da Copa feminina por portais de Pernambuco, observaram que o desinteresse do público acerca do futebol feminino é fruto, em parte, da falta de divulgação e incentivo à modalidade.

Na mesma época em que estavam sendo realizadas as competições da Copa do Mundo de Futebol Feminino, ocorreu a Copa América de futebol masculino; enquanto a mídia de massa televisiva apresentava flashes ao vivo, de hora em hora, sobre o certame masculino, os jogos do feminino permaneceram quase invisíveis para as massas, ganhando espaço apenas em matérias curtas exibidas nos telejornais (Januário; Veloso; Cardoso, 2016, p. 12)

A imprensa brasileira contribui para a grande popularidade do futebol masculino e para o “apagamento”, na maior parte do tempo, do feminino, por meio da omissão da modalidade (Martins e Moraes, 2006) e isso não só para a modalidade do futebol, mas também para outros esportes disputados por mulheres. Segundo autores como Sterkenburg e Knoppers (2004), Coakley (2004) e Knoppers e Elling (2004) esse fato não se restringe à nossa cultura, pois:

Não interessa qual país e evento são estudados, os resultados consistentemente mostram que os esportes envolvendo mulheres são proporcionalmente mal representados na mídia esportiva e considerados como de menor emoção e de menor dignidade para notícias do que os esportes envolvendo homens (STERKENBURG; KNOPPERS, 2004, p. 303).

Dessa forma, a construção e difusão histórica do futebol feminino pela mídia contribuíram diretamente para sua marginalização, restringindo seu alcance e reconhecimento perante o público. A escassa cobertura, frequentemente marcada pela invisibilidade ou por abordagens estereotipadas, consolidou a percepção de que a modalidade possuía menor relevância em comparação ao futebol masculino. Não obstante, este cenário demonstra sinais de alteração à medida que novas demandas sociais por equidade de gênero se estabelecem e pressionam os veículos de comunicação a reavaliarem suas práticas, pavimentando o caminho para uma maior valorização e visibilidade do esporte feminino.

Nos últimos anos, observa-se um notável avanço no futebol feminino, tanto em nível nacional quanto internacional. O aumento da visibilidade de competições importantes, como a Copa do Mundo Feminina da FIFA, e a expansão das ligas nacionais impulsionaram o interesse do público e atraíram novos investimentos para a modalidade. No contexto brasileiro, a instituição e o fortalecimento do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino representam um marco crucial no processo de profissionalização, garantindo maior frequência de jogos, melhor organização e mais oportunidades para as atletas.

No ano de 2025 no evento UpFront, a Rede Globo de televisão anunciou a implementação, em sua grade de programação para 2026, da transmissão de jogos de futebol feminino em dias fixos, assim como ocorre na modalidade masculina. Segundo Renê Salviano, CEO da agência que patrocinará as cotas do futebol feminino:

O anúncio de um novo horário exclusivo para o futebol feminino na TV Globo é mais uma demonstração do crescimento acelerado e da relevância da modalidade no cenário esportivo brasileiro. Quem investe e acredita agora na modalidade sai na frente, porque fará parte desse processo que vai ganhar cada vez mais visibilidade, principalmente com a proximidade da Copa do Mundo Feminina de 2027, que será no Brasil (SALVIANO, 2025)

O futebol feminino está em um processo de transformação gradual, marcado por maior visibilidade, investimentos e uma mudança na percepção social da modalidade. Embora persista o desafio histórico da desigualdade em relação ao futebol masculino e a necessidade de maior valorização das atletas, os progressos recentes apontam para um futuro mais promissor. O aumento da cobertura midiática e o crescente interesse de patrocinadores são exemplos de iniciativas que demonstram a conquista progressiva de espaço pelo futebol feminino nos cenários esportivos nacional e internacional. Desse modo, a modalidade se consolida não apenas como prática esportiva, mas também como um importante veículo de transformação social.

### 3. NASCE UMA RAINHA

Reconhecida mundialmente como a melhor jogadora de futebol de todos os tempos, Marta Vieira da Silva nasceu em 19 de fevereiro de 1986, na pequena cidade de Dois Riachos, no estado de Alagoas. A trajetória da atleta, sua trajetória de sucesso e a forma de um reconhecimento desigual em relação aos grandes nomes do futebol feminino permitem apreender as diferenças de tratamento e a presença do machismo estrutural como um contraponto ao crescimento do futebol feminino no país.

Durante sua infância o pai abandonou a família quando ela tinha apenas um ano de idade. Marta então passou a viver ao lado de sua mãe Tereza da Silva e seus três irmãos: Ângela, José e Valdir. A jogadora trabalhava com a ‘carroçagem’, nome dado à atividade de empurrar um carrinho de mão com produtos em uma feira da região e também vendia roupas e “sacolés” nas feiras para ganhar dinheiro para ajudar no sustento da casa.

O interesse da atleta pelo futebol surgiu ainda criança em 1999, quando praticava o esporte com outros garotos nas ruas de Dois Riachos. Juntamente com a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), em Santana do Ipanema/AL ela disputava a Copa Infantil de Futsal ao lado de jogadores homens, e o técnico da equipe chamado “Tota” aceitava que ela participasse da competição.

Entretanto, apesar dessa “aceitação” por parte do treinador, sua trajetória na competição de Futsal teve que ser interrompida por conta de agressões que Marta sofria dentro de campo de atletas de outros times. Apesar da decepção da atleta em achar que não poderia mais competir, Tota conseguiu testes para a jovem em times do Rio de Janeiro como Vasco da Gama e Fluminense. (FRANCO, s.d.).

Com apenas 14 anos, a menina se destacou em meio a outras atletas e foi aceita no Vasco da Gama, onde ficou por três anos, porém os anos no time carioca lhe renderam a sua primeira convocação à Seleção Brasileira para disputar a Copa do Mundo Feminina de 2003, na qual ela marcou três gols em quatro jogos, levando a equipe às quartas de final da competição. E nos jogos Pan Americanos do mesmo ano ela marcou dois gols, ajudando a Seleção a conquistar sua primeira medalha de ouro.

Figura 3 - Registro de Marta na Federação do Rio De Janeiro



**Fonte:** <https://www.netvasco.com.br/n/200987/futebol-feminino-primeira-tecnica-de-marta-no-vasco-lembra-do-inicio-da-jogadora-no-clube>

Anos mais tarde a equipe carioca emprestou Marta ao time Santa Cruz de Belo Horizonte, porém a carreira dela no time mineiro durou um pouco mais de dois anos, quando em 2004 a equipe carioca decidiu negociar a venda da atacante ao Umeå IK, na Suécia, onde a atleta ficou por cinco temporadas. Por meio do clube europeu, com apenas 18 anos, a atleta ganhou visibilidade ao redor do mundo, tornando-se uma estrela do futebol mundial, marcando 111 gols em jogos oficiais e por lá conquistou quatro campeonatos suecos. O título mais importante conquistado pela atacante veio logo no seu primeiro ano na equipe sueca, a *Champions League* Feminina em 2004, marcando dois gols na vitória de 3 a 0 no jogo de ida e um no 5 a 0 da partida de volta das finais contra o alemão FFC Frankfurt.

Já com o destaque e a carreira internacional, Marta encantou e realizou outra marca importante: marcou três gols nas Olimpíadas de Atenas em 2004 quando o Brasil conquistou a primeira medalha de prata olímpica.

Em 2006, a atacante alcançou o ápice de sua carreira e, com apenas 20 anos de idade, na sua segunda temporada na Suécia, Marta conquistou seu primeiro prêmio de melhor do mundo pela FIFA.

Figura 4 - Marta recebe primeiro prêmio de melhor do mundo



**Fonte:** <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2026/02/19/marta-40-anos-veja-40-momentos-marcantes-da-carreira-da-melhor-jogadora-da-historia.ghtml>

A temporada de 2007 foi brilhante para a carreira da Marta, pois naquele ano o Brasil conquistou mais uma medalha de ouro nos Jogos Pan Americanos que aconteceram no Rio de Janeiro, onde o Brasil goleou a seleção dos Estados Unidos na final. Algum tempo depois, o Brasil se tornou vice-campeão da Copa do Mundo da China, e Marta anotou sete gols em seis partidas disputadas, levando a Seleção Brasileira à final da competição onde foi superada pela Alemanha. Naquele ano brilhante, Marta levou novamente o prêmio de melhor jogadora do mundo. No ano seguinte, o Brasil foi medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Beijing, sendo superado na final pelos Estados Unidos. E, pelo terceiro ano consecutivo, Marta chegou ao lugar mais alto do pódio e foi premiada pela FIFA como a melhor do mundo.

Depois de cinco temporadas no futebol europeu, em 2009, Marta resolveu ir para os Los Angeles Sol dos Estados Unidos, onde teve uma breve passagem, foi artilheira e vice-campeã da liga americana. Depois de alguns meses nos Estados Unidos, Marta retorna ao Brasil por empréstimo e é anunciada pelo Santos, onde ela foi campeã da Libertadores e Copa do Brasil Feminina. E naquele mesmo ano ela é eleita a melhor do mundo novamente pela FIFA pela quarta vez, e, no ano seguinte, mais um prêmio de melhor do mundo, chegando a cinco troféus consecutivos, marca nunca registrada antes na categoria masculina.

Quando encerrado o período de empréstimo, a jogadora retornou aos Estados Unidos e foi anunciado o fim do futebol feminino pelos Los Angeles Sol, e então ela foi anunciada pelo *FC Gold Price*, onde ela foi novamente artilheira e campeã da liga americana.

Em 2011, Marta teve outra passagem pelo Brasil, novamente no Santos, onde marcou 13 gols em 12 partidas, antes de dar continuidade à carreira no Western New York. Naquele mesmo ano, disputou sua terceira Copa do Mundo. Vestindo a camisa 10, balançou as redes quatro vezes, consolidando-se como uma das maiores artilheiras da história do torneio, embora o Brasil tenha sido eliminado nas oitavas de final, nos pênaltis, pelos Estados Unidos.

No ano seguinte, em 2012, a jogadora voltou a representar o Brasil em mais uma edição dos Jogos Olímpicos, em Londres. Porém, a equipe brasileira acabou sendo eliminada novamente nas oitavas de final, dessa vez pelo Japão.

A atleta resolveu voltar para onde iniciou sua carreira na Suécia e foi anunciada pelo *Tyreso*, ficou por lá por três temporadas e o clube sueco anunciou encerramento das atividades. Com isso, ela se transferiu ao *Rosengard*, time no qual Marta viu a

possibilidade de ganhar títulos: "Recebi várias ofertas da Europa e dos Estados Unidos, mas ainda tenho fome de títulos, especialmente a Liga dos Campeões...vejo um grande potencial no Rosengard..." (SILVA, 2014). Na equipe sueca, a alagoana conquistou dois títulos: a liga sueca em 2014 e 2015, além do vice-campeonato em 2016.

Os anos seguintes foram um pouco amargos para a Marta e para a Seleção Brasileira. Na Copa do Mundo Feminina de 2015, com apenas um gol de Marta na competição, o Brasil caiu nas oitavas de final, perdendo por 1 a 0 para a seleção australiana.

Em 2016, a Seleção Brasileira foi eliminada na semifinal dos Jogos Olímpicos Rio 2016 pela Suécia, nos pênaltis, após empate de 0 a 0 no tempo normal e prorrogação, no Maracanã, e perdeu a medalha de Bronze para o Canadá.

No ano seguinte, Marta decidiu voltar aos Estados Unidos e foi anunciada pelo Orlando Pride, clube no qual a atleta se encontra até os dias de hoje. O ano de 2018 foi um marco importante na carreira da atleta, pois aos 32 anos, pela sexta vez, a alagoana voltou a ganhar o prêmio de melhor jogadora do mundo, chegando a seis troféus conquistados. Além disso, no mesmo ano, no dia 12 de julho, Marta foi nomeada como Embaixadora Global da Boa Vontade, e "dedicou seus esforços a apoiar o trabalho pela igualdade de gênero e empoderamento em todo o mundo, inspirando meninas a desafiar estereótipos, superar barreiras e seguir seus sonhos e ambições, inclusive no esporte..." (ONU, 2018)

Em 2019, em sua quinta participação na Copa do Mundo, Marta marcou dois gols e se tornou a maior artilheira da história da competição na categoria feminina e masculina. Porém, o Brasil caiu novamente nas oitavas de final, perdendo para a França, anfitriã do torneio, por 2x1 na prorrogação.

No ano de 2022, ela sofreu uma lesão no ligamento cruzado anterior do joelho (LCA) e perdeu a temporada toda. Contudo, no ano seguinte, Marta retorna aos gramados e disputa sua sexta Copa do Mundo aos 37 anos. O torneio foi um dos piores da história para a seleção brasileira; a equipe foi eliminada na fase de grupos ao empatar com a Jamaica em 0 a 0, coisa que não ocorria desde a competição de 1995.

Aos 38 anos, em 2024, a rainha encerrou sua trajetória com o Brasil em Jogos Olímpicos. A camisa 10 disputou seis Olimpíadas e conquistou com a seleção amarelinha três medalhas de prata: Atenas-2004, Pequim-2008 e Paris-2024, e se tornou a maior medalhista do futebol brasileiro. E em novembro do mesmo ano, com o Orlando Pride,

conquistou o inédito título da liga americana, a NWSL (*National Women 's Soccer League*).

No ano seguinte, a rainha voltou a ser protagonista da seleção brasileira feminina e ajudou a equipe a conquistar a Copa América de 2025, que aconteceu no Equador, quando foi responsável por marcar dois gols na grande final da competição contra a Colômbia e foi eleita a MVP, melhor jogadora do torneio aos 39 anos.

Na atual temporada de 2026, a atleta de 40 anos permanece no Orlando Pride dos Estados Unidos, e sua trajetória evidencia não apenas o desempenho técnico de uma atleta de alto nível, mas também o percurso de superação diante de limitações sociais e estruturais presentes ao longo de sua carreira, devido a preconceitos que o futebol feminino enfrenta até os dias de hoje.

A trajetória de Marta transcende os limites do desempenho esportivo, consolidando-se como um significativo símbolo de representatividade no futebol feminino global. Em contraste com a realidade de muitos atletas masculinos, que frequentemente desfrutam de ampla visibilidade, estrutura e reconhecimento midiático desde o início de suas carreiras como Messi, Cristiano Ronaldo, Neymar e Ronaldinho Gaúcho, Marta construiu sua imagem em um contexto marcado por invisibilidade e escassez de incentivo. Não obstante, ela se estabeleceu como uma das maiores referências na história do esporte, não apenas em virtude dos títulos e prêmios conquistados, mas por pavimentar o caminho para que outras mulheres pudessem almejar uma carreira no futebol. Nesse sentido, sua carreira não apenas evidencia o talento individual, mas também as disparidades estruturais existentes entre o futebol masculino e feminino, notadamente no que concerne ao reconhecimento e à valorização social das atletas.

A ex-jogadora da Seleção Brasileira Sissi, em uma entrevista concedida à CNN Esportes, destacou a importância da Rainha Marta a outras milhares de atletas mulheres que querem ser jogadoras de futebol:

Na minha geração, não tínhamos jogadoras para admirar, então agora ter jogadoras como ela, especialmente com o que ela conquistou e quem ela se tornou, é muito importante. Você já viu o quanto o jogo mudou no Brasil. Agora, as pessoas podem dizer: 'Quero ser como a Marta'. (SISSI, 2023)

A representação de Marta não se limita ao talento individual, mas se configura como um marco coletivo na história do futebol feminino. No entanto, as manifestações contemporâneas de desrespeito e desqualificação direcionadas à atleta não surgem de

forma isolada, estando diretamente relacionadas em um discurso que direciona o futebol ao público masculino.

Dessa forma, a pesquisa fundamenta-se na ideia de que os discursos em questão são mantidos por um "arquivo" de conhecimentos e práticas, conceito de Michel Foucault, que historicamente estabeleceu e naturalizou a exclusão feminina no esporte. Além disso, utiliza-se o referencial de Pierre Bourdieu para analisar como as estruturas simbólicas de dominação de gênero persistem na produção e legitimação das desigualdades no âmbito esportivo. Nesse contexto, a imagem da atleta Marta Vieira da Silva, enquanto jogadora de futebol, é frequentemente atravessada por discursos machistas nas redes sociais, evidenciando resistências à presença feminina em uma modalidade historicamente associada ao masculino.

#### **4. AUTORIZA O ÁRBITRO!**

A análise dos comentários nas redes sociais em torno da performance e trajetória da atleta Marta Vieira da Silva se fazem a partir do método foucaultiano, que parte do enunciado com seu domínio associado, sua posição sujeito, suas regularidades em direção ao arquivo. O primeiro pensado como unidade mínima do discurso e o segundo como o mecanismo que permite que apareçam determinados enunciados e não outros em seu lugar, o que se dá pela perspectiva histórica.

Já demonstramos como o futebol desde o início se constitui como um campo proibitivo às mulheres, particularmente no Brasil, onde era proibido legalmente até o início dos anos 1980. Também já abordamos a rica trajetória da atleta Marta, que ganhou um reconhecimento internacional maior do que os grandes jogadores brasileiros. Ainda assim, como pretendemos demonstrar, há certa tendência de não legitimação do merecido título de Rainha do Futebol

Utilizamos para essa finalidade, o método indutivo, pois parte da análise de comentários específicos direcionados à atleta Marta Vieira da Silva e ao futebol feminino para compreender padrões discursivos relacionados ao machismo estrutural presente na sociedade. Segundo Lakatos e Marconi (2007, p. 86), o método indutivo é responsável pela generalização, partindo de aspectos particulares para interpretações mais amplas. Também se emprega o método observacional, considerando a observação e análise de comentários publicados em redes sociais sobre o futebol feminino e a atleta Marta Vieira da Silva.

Iniciaremos essa presente análise com o futebol feminino no Brasil, que foi perpassado por proibições, críticas à invisibilização e discursos que associavam o esporte ao universo masculino. E as manifestações de ódio a respeito da modalidade se intensificaram com o surgimento das redes sociais, que facilitou a disseminação de discursos de ódio, em parte devido à possibilidade de anonimato e à facilidade com que mensagens podem ser compartilhadas rapidamente e em larga escala.

Todas as comunidades podem ser vítimas dessas manifestações de ódio, porém as minorias como: gêneros não dominantes, etnia, deficientes etc são os principais grupos que podem sofrer esses ataques. As mulheres, quando se inserem em meios com o gênero predominante masculino, tornam-se alvo do machismo estrutural que ainda persiste na sociedade. Essa questão se relaciona com o conceito de arquivo para Foucault (2008), que é, como dissemos, o conjunto de regras históricas que estabelecem as condições de possibilidade dos discursos em uma dada sociedade, e esses discursos de ódio contra o

futebol feminino estão carregados de ideais machistas de que o espaço do futebol é destinado ao sexo masculino.

Essa resistência à presença feminina no futebol não se manifesta apenas em relação às atletas. Mulheres que atuam em outras funções dentro do esporte também são frequentemente alvo de discursos de deslegitimação. A narradora esportiva Renata Silveira, que narra jogos pela Rede Globo de Televisão, por exemplo, recebeu diversos comentários depreciativos em publicações do portal GE nas redes sociais.

Figura 5 - Comentários de ódio para a narradora



Fonte: <https://www.instagram.com/p/DNzOL5XXLLR/>

Figura 6 - Comentários de ódio para a narradora (2)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/DNzOL5XXLLR/>

Nos comentários “Meu Deus... quem aguenta um jogo narrador por essa mulher? Ela deveria narrar o futebol feminino”, “a melhor parte do jogo com ela narrando é a hora do intervalo” nota-se que ultrapassam uma simples avaliação profissional e evidenciam

uma tentativa de restringir a atuação feminina a espaços considerados adequados ao seu gênero. Assim como ocorre com Marta, a presença da mulher em um espaço historicamente associado ao universo masculino é frequentemente questionada e desqualificada, revelando a permanência de discursos machistas que buscam limitar sua legitimidade no campo esportivo.

A atleta Marta Silva, em 2017, concedeu uma entrevista ao *Superesportes* e se lembrou do início de sua carreira quando ela tinha 14 anos e recebia manifestações de ódio a seu respeito por querer jogar futebol: “Os comentários, os julgamentos, as piadas, tudo aquilo não vai parar. Aqueles momentos, enquanto os garotos estão num vestiário e você está sozinha, num banheiro pequeno logo ao lado, tentando colocar sua camisa de futebol tamanho grande e calções de menino que vão para baixo dos seus joelhos, são solitários. Por um tempo, futebol será solitário...no mundo inteiro, existem meninas que se sentem do mesmo jeito. Meninas que recebem olhares, meninas que são questionadas sobre estar ali, meninas que são expulsas de campeonatos e que recebem apelidos nada elogiosos...”

O comentário de Marta demonstra que a prática do futebol pelas mulheres é um espaço social de resistência. A inadequação vai desde as roupas masculinas - adaptadas para o uso das mulheres - até a ideia de solidão, num ambiente em que os comentários e piadas estavam presentes. Logo, antes mesmo da difusão das redes sociais, já se notavam as marcas estruturais do machismo como um impedimento ou restrição às práticas do futebol feminino. Sem apoio, vítima de piadas e comentários maldosos, um ambiente adverso para o estímulo às práticas.

As redes sociais são espaços de circulação e reprodução de discursos que ultrapassam o ambiente esportivo e refletem estruturas já presentes na sociedade. Nesse contexto, os comentários publicados em páginas esportivas evidenciam não apenas opiniões individuais, mas práticas discursivas marcadas pela deslegitimação do futebol feminino, pela inferiorização das atletas e pela reafirmação de estereótipos de gênero.

Segundo Marie-Anne Pauveau esses discursos produzidos nas redes sociais são tecnodiscursos uma vez que são atravessados pelas características técnicas das plataformas digitais, como circulação acelerada, compartilhamento, anonimato e interação instantânea:

O discurso produzido no espaço digital da Web 2.0, segundo Marie-Anne Pauveau, deve ser abordado enquanto tecnodiscurso, sendo o prefixo tecno “uma opção teórica que modifica a episteme tradicional das ciências da linguagem. É afirmar que os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguística, que as determinações técnicas coconstroem as formas

tecnolinguísticas, que as perspectivas logo e antropocêntricas devem ser descartadas em prol de uma perspectiva ecológica e integrativa que reconhece o papel dos agentes não humanos nas produções linguísticas.” (BARONAS; LOURENÇO, 2022, p. 9)

Para Foucault (2008), o enunciado não corresponde apenas a uma frase ou expressão linguística, mas a uma função discursiva produzida historicamente em determinadas condições de possibilidade. Assim, os comentários analisados nesta pesquisa são compreendidos como enunciados atravessados por memórias e relações de poder que historicamente associam o futebol ao universo masculino.

Os comentários a seguir presentes no *Instagram* da GE TV estão presentes na publicação de divulgação para a partida que seria realizada e organizada pela FIFA entre a seleção brasileira feminina e a canadense para um amistoso para a Copa do Mundo Feminina que será em 2027 no Brasil.

Figura 7 - Comentários GETV



Fonte: <https://www.instagram.com/p/DXSWuiqj4Lp/?igsh=ZHhpeTh3bTh1Z3c5>

Figura 8 - Segunda parte comentários GE TV



**Fonte:** <https://www.instagram.com/p/DXSWuiqj4Lp/?igsh=ZHhpeTh3bTh1Z3c5>

Os comentários presentes na postagem da GE TV evidenciam os discursos de ódio direcionados à modalidade futebol feminino. As imagens acima exemplificam esse cenário ao reunir manifestações que ridicularizam a modalidade, questionam sua relevância e associam o futebol ao universo exclusivamente masculino, demonstrando como o machismo estrutural se manifesta e se naturaliza no ambiente digital.

O enunciado dito pelo internauta “Futebol feminino era bom antigamente QUANDO NÃO EXISTIA” demonstra um discurso de ódio direcionado à modalidade, uma vez que nega simbolicamente a legitimidade da existência do futebol praticado por mulheres e faz referência à memória de 1965, quando o futebol feminino era proibido de ser praticado no Brasil. Além disso, o uso da ironia e da escrita em letras maiúsculas intensificam o tom agressivo da mensagem, funcionando como estratégia de reforço da hostilidade direcionada ao futebol feminino e às atletas. O que se entende por discurso de ódio aqui é a desqualificação travestida em fórmulas de ironia e deboche. As mesmas piadas que a adolescente Marta era obrigada a ouvir, quando se iniciava na profissão que escolheu e na qual se tornou vitoriosa.

Nesse sentido, o comentário “a única forma de assistir futebol feminino é colocar mulheres bonitas de biquíni para jogar” objetifica as atletas, transformando-as em objetos sexuais de entretenimento para o público e deslegitimando-as como jogadoras de futebol. Conforme aponta Pierre Bourdieu (1998), há uma expectativa social de que as mulheres

ocupem posições associadas à delicadeza e à submissão, aspecto que também se manifesta nos discursos direcionados às atletas do futebol feminino.

No início do século XX, o fortalecimento do corpo feminino era uma forma de se ter uma boa maternidade, porém, desde aquela época, o futebol não era uma dessas atividades físicas destinadas às mulheres pois elas eram consideradas “sexo frágil” para esse esporte que era violento e destinado aos homens. (GOELLNER, 2005)

Nas falas, “0,0 de audiência”, “adivinha, ninguém vai assistir”, “nem as mulheres assistem futebol feminino”, “melhor assistir a quarta divisão do paulista” diminuem a modalidade esportiva e a rebaixa como se o futebol feminino fosse pior que a última divisão do futebol masculino, ou seja, essa comparação rebaixa a modalidade e a coloca como se fosse “nada”, inferior e desprovida de relevância esportiva.

Essas manifestações de ódio direcionadas ao futebol feminino refletem um problema mais amplo de discriminação contra as mulheres, atingindo não apenas a modalidade e suas atletas, mas o público feminino em geral. A jogadora Marta Silva, que atua como atacante na Seleção Brasileira e no Orlando Pride nos Estados Unidos é considerada a melhor jogadora de futebol do mundo com seis bolas de ouro conquistadas e é vítima desses ataques diariamente nas redes sociais.

Figura 9 - Comentários de ódio para Marta



Fonte: [https://www.instagram.com/p/DBrF5VRRF\\_F/?igsh=MWVueTd3b3JjNGExMQ==](https://www.instagram.com/p/DBrF5VRRF_F/?igsh=MWVueTd3b3JjNGExMQ==)

Figura 10 - Segunda parte comentários de ódio para Marta



Fonte: [https://www.instagram.com/p/DBrF5VRRF\\_F/?igsh=MWVucTd3b3JjNGExMQ==](https://www.instagram.com/p/DBrF5VRRF_F/?igsh=MWVucTd3b3JjNGExMQ==)

No *post* do Instagram do Globo Esporte da EPTV, a equipe realizou um *repost* de uma publicação onde a Marta aparece utilizando a camisa de uma equipe de futebol brasileiro da cidade de Araraquara no interior de São Paulo, a Ferroviária, que tem uma forte equipe de futebol feminino, criada em 2001.

Analisando os comentários dos internautas nesse *repost* em questão, nota-se a desvalorização do futebol feminino no Brasil, por exemplo no comentário: “Quem perguntou? Quem liga?”, dando a entender que a modalidade é desvalorizada pois, se fosse um *post* sobre o futebol masculino, talvez esse tipo de comentário não estaria presente.

Figura 11 - Comentários rainha ESPN



Fonte: [https://www.instagram.com/p/DU7J\\_ZrEnsn/?igsh=endmZXZ3YXRmejJu](https://www.instagram.com/p/DU7J_ZrEnsn/?igsh=endmZXZ3YXRmejJu)

Figura 12 - Segunda parte comentários rainha ESPN



Fonte: [https://www.instagram.com/p/DU7J\\_ZrEnsn/?igsh=endmZXZ3YXRmejJu](https://www.instagram.com/p/DU7J_ZrEnsn/?igsh=endmZXZ3YXRmejJu)

Nos comentários "rainha do q", "rainha é minha mãe essa aí é uma qualquer", "Rainha de q? Essa aí nunca ganhou nada com a seleção" presentes na postagem do GE e "Rainha da lacração", "Rei só teve um Pelé, Rainha só tem minha mãe" vemos mais uma forma de desvalorização da atleta e aqui podemos levantar mais uma questão: existe um rei do futebol, mas por que não existe uma rainha do futebol?

Os comentários "Rainha da lacração" e "rainha do que? Da lacração" aparecem em ambas as postagens do Instagram evidenciam uma forma específica de desqualificação da atleta. O termo "lacrção", frequentemente utilizado de maneira pejorativa nas redes sociais, é empregado para desacreditar figuras públicas que se manifestam sobre questões sociais e políticas. No caso de Marta, a associação à "lacrção" pode estar relacionada não apenas à sua condição de mulher no futebol, mas também à sua postura pública em defesa da valorização do futebol feminino e da igualdade de oportunidades para as atletas. Em julho de 2018, a atacante Marta foi eleita pela ONU Embaixadora da Boa Vontade para mulheres e meninas no esporte

A escolha de Marta como defensora dos direitos dos ODS reflete seu papel na promoção da igualdade de gênero e empoderamento das mulheres, o que sustentará o sucesso de todas as metas, bem como seu forte compromisso com as Nações Unidas, tendo sido também embaixadora da boa vontade do PNUD. Marta está empenhada em apoiar o trabalho das Nações Unidas e da ONU Mulheres em todo o mundo, inspirando mulheres e meninas a desafiar estereótipos, superar barreiras e seguir seus sonhos e ambições, inclusive na área do esporte, com impacto nos ODS. (ONU, 2019)

Durante a Copa do Mundo Feminina de 2019, a atleta afirmou que as novas gerações deveriam continuar lutando pelo crescimento do futebol feminino, destacando a necessidade de apoio e investimento na modalidade. Dessa forma, os comentários analisados não apenas questionam sua posição como "rainha do futebol", mas também procuram deslegitimar sua atuação como sujeito que denuncia desigualdades e reivindica transformações no campo esportivo. Ou seja, Marta não é vista apenas como atleta, mas também como uma figura pública ligada à promoção da igualdade de gênero. Isso dá bastante sustentação para a interpretação de que os comentários sobre "lacrção" podem estar relacionados ao seu ativismo, e não apenas ao fato de ela ser mulher ou jogadora de futebol.

Pelé, considerado um dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos, com mais de mil gols marcados em sua carreira e 26 títulos oficiais pelo seu clube, na época o Santos Futebol Clube, e três títulos de Copa do Mundo, foi considerado de forma unânime o maior jogador de futebol de todos os tempos e o rei da modalidade. O apelido surgiu em 1958 quando o jornalista Nelson Rodrigues publicou uma crônica na revista *Manchete Esportiva* intitulada como “a realeza do futebol”

Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: — ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor. O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: — a de se sentir rei, da cabeça aos pés. (Rodrigues, 1958)

A atribuição do título de ‘rainha do futebol’ à atleta Marta Vieira da Silva também aparece em discursos institucionais e midiáticos. Ao comentar sobre a relevância da jogadora para o futebol brasileiro, Daniela Alfonsi, diretora de conteúdo do Museu do Futebol de São Paulo, afirma: “Nós, brasileiros, dizemos que ela ‘é a rainha’. Tem essa coroa que o Brasil só deu a Pelé. Aqui ainda não existe outro rei do futebol, é Pelé. E a rainha é Marta”. A declaração evidencia uma tentativa de reconhecimento simbólico da atleta como principal representante do futebol feminino brasileiro, estabelecendo uma relação de equivalência entre a figura de Pelé e a de Marta dentro de suas respectivas modalidades

Apesar de Marta ser considerada a “rainha” do futebol, esse “apelido” não é reconhecido por toda a população como o de rei. Os comentários analisados demonstram uma resistência em legitimar simbolicamente essa posição. Sob perspectiva Foucaultiana, é possível analisar esses comentários como enunciados atravessados pela ideia de arquivo

discursivo construídos no futebol masculino. Nesse sentido, o título de “rei do futebol”, atribuído a Pelé, consolidou-se socialmente como um enunciado legítimo e amplamente aceito. Entretanto, quando Marta é nomeada como “rainha do futebol”, observa-se uma resistência discursiva: o reconhecimento de Marta é frequentemente questionado, desqualificado ou ironizado, evidenciando como as relações de gênero atravessam os discursos esportivos e dificultam a validação da mulher em espaços historicamente associados ao masculino.

Os diferentes enunciados analisados demonstram as formas de funcionamento do arquivo e remetem aos domínios de memória de velhos preconceitos em relação ao futebol feminino. No relativo anonimato das redes, os sujeitos se expressam em manifestações de ódio que procuram desqualificar o futebol feminino, a despeito das lutas e resistências de atletas como Marta.

## 5. FIM DE JOGO

Buscamos neste trabalho identificar as raízes históricas das manifestações de ódio ao futebol feminino - particularmente em relação à jogadora Marta, demonstrando como o machismo estrutural destina espaços específicos para a mulher, além de evidenciar a contradição simbólica existente na consagração de um “Rei do futebol” em oposição à dificuldade de legitimação de uma “Rainha do futebol”. Como base teórica, utilizaram-se os conceitos de enunciado e arquivo para Michel Foucault, as ideias de machismo estrutural para Pierre Bourdieu e tecnodiscurso da Análise do Discurso digital de Marie-Anne Paveau.

Para realizar as análises dos elementos discursivos presentes nos comentários sobre o futebol feminino e a atleta Marta Silva, foi necessário traçar um percurso histórico e social com o surgimento da modalidade no Brasil, e as dificuldades enfrentadas pelas atletas que a praticam. Nota-se que muitos dos enunciados analisados retomam discursos já cristalizados socialmente. Ou seja, foi preciso compreender o contexto em que esses discursos circulam, observando como expressões como “rainha do futebol”, as comparações com o “rei do futebol” e os comentários de desvalorização produzem sentidos sobre reconhecimento, memória e legitimidade no esporte.

A partir de um primeiro contexto apresentado, voltamos aos séculos XVI e XIX na Inglaterra, com o surgimento do futebol masculino para posteriormente chegarmos aos primórdios do futebol feminino no século XIX, no Reino Unido, com a fundação do Ladies Football Club.

Entretanto, os primeiros registros do futebol feminino praticado no Brasil só foram nos anos 20 e 30 e não durou muito; em 1941 foi instituída uma regulamentação que proibia o futebol feminino no Brasil pelo CND, e em 1965 a proibição foi detalhada e citou nominalmente os esportes proibidos de serem desempenhados por atletas mulheres, e um deles era o futebol. A modalidade só voltou a ser “liberada” no Brasil em 1983, quando ela foi regulamentada e permitida de se utilizar os estádios para os jogos.

Nessa perspectiva, apesar de a modalidade ter sido regulamentada no Brasil e nos dias de hoje obrigatória para todos os clubes do futebol brasileiro que querem disputar competições internacionais, o preconceito ainda persiste e perdura no século XXI e as jogadoras sofrem diariamente com comentários misóginos nas redes sociais. A noção de arquivo para Foucault, que é o conjunto de regras históricas que estabelecem as condições de possibilidade dos discursos em uma dada sociedade, nos auxilia a analisar esses enunciados presentes nas redes sociais e entender que as raízes para esses discursos de

ódio são o machismo estrutural que ainda persiste em nossa sociedade, como se as mulheres tivessem um espaço destinado a elas.

A importância da referida pesquisa foi observar, a partir de uma análise discursiva, os discursos de ódio que são diariamente proferidos a jogadoras de futebol. O estudo busca, assim, contribuir para a ampliação dos estudos sobre o futebol feminino.

É possível abranger essa pesquisa e analisar o futebol como um todo e notar que o machismo estrutural está presente nas torcidas de clubes, além de comentários de discriminação que recebem diariamente tanto em redes sociais como por outros meios.

Conclui-se, portanto, este trabalho com a reflexão da atleta conhecida como “Rainha do Futebol”, Marta Silva, direcionada às jovens atletas e ao público do futebol feminino: “Não vai ter uma Formiga para sempre, não vai ter uma Marta para sempre, não vai ter uma Cristiane. E o futebol feminino depende de vocês para sobreviver. Então, pensem nisso, valorizem mais. A gente tem de chorar no começo para sorrir no fim.” (Silva, 2019).

## REFERÊNCIAS

1ª seleção feminina teve uniforme herdado dos homens e superação na Copa. *Dibradoras*, [s.l.], 7 jan. 2019. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2019/01/07/1a-selecao-feminina-teve-uniforme-herdado-dos-homens-e-superacao-na-copa/>. Acesso em: 28 abril 2026.

A crônica de Nelson Rodrigues em que Pelé foi chamado de “rei” pela primeira vez. *Radio Peão Brasil*, [s.l.], 23 out. 2020. Disponível em: <https://radiopeaobrasil.com.br/a-chronica-de-nelson-rodrigues-em-que-pele-foi-chamado-de-rei-pela-primeira-vez/>. Acesso em: 24 maio 2026. Acesso em: 28 de março de 2026.

AQUINO, Rubim S. L. - **Futebol, uma paixão nacional** / Aquino.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

BARONAS, Roberto Leiser; LOURENÇO, Julia. *Notas sobre uma possível teoria da revascularização discursiva*. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v. 66, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAGATO, Fernanda Frizzo; SILVA, Bruna Marques da. **Discursos de ódio: uma análise à luz da colonialidade**. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, Goiânia, v. 45, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revfd/article/view/63262>. Acesso em: 28 maio 2026.

CARVALHO, Rafael. *Desigualdade salarial no futebol feminino: uma análise profunda*. Jusbrasil, 2023. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/desigualdade-salarial-no-futebol-feminino-uma-analise-profunda/2105426218>. Acesso em: 6 abr. 2026.

CLUBE sem futebol feminino ficará fora da Libertadores a partir de 2019. *ge.globo.com*, Rio de Janeiro, 14 jan. 2017. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2017/01/clube-sem-futebol-feminino-ficara-fora-da-libertadores-partir-de-2019.html>. Acesso em: 28 maio 2026.

DESIGUALDADE salarial no futebol feminino: uma análise profunda. *Jusbrasil*, [s.l.], 18 jan. 2024. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/desigualdade-salarial-no-futebol-feminino-uma-analise-profunda/2105426218>. Acesso em: 28 março 2026.

ESPN BRASIL. Post [Post aniversário Marta]. **Instagram** [18 fev. 2026]. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DU7J\\_ZrEnsn/?igsh=endmZXZ3YXRmejJu](https://www.instagram.com/p/DU7J_ZrEnsn/?igsh=endmZXZ3YXRmejJu) Acesso em: 13 abril 2026, 15:36:07.

ESPN. **Marta se emociona e cobra novas jogadoras do Brasil: “Chorem no começo para**

FERREIRA, Suzana P. **Análise das campanhas feitas pelas marcas patrocinadoras da Seleção Brasileira de futebol feminino durante as Copas do Mundo de 2015 e 2019.**

Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Publicidade e Propaganda – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FRANCO, Giullya. "**Marta Vieira da Silva**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/biografia/marta-vieira-da-silva.htm>. Acesso em 17 de março de 2026.

FRANZINI, F. **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. 315-328. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwCc/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 de março 2026.

FUTEBOL feminino: primeira técnica de Marta no Vasco lembra do início da jogadora no clube. NETVASCO, Rio de Janeiro, 30 out. 2017. Disponível em: <https://www.netvasco.com.br/n/200987/futebol-feminino-primeira-tecnica-de-marta-no-vasco-lembra-do-inicio-da-jogadora-no-clube>. Acesso em: 28 maio 2026.

FUTEBOL feminino: primeira técnica de Marta no Vasco lembra do início da jogadora no clube. NETVASCO, Rio de Janeiro, 30 out. 2017. Disponível em: <https://www.netvasco.com.br/n/200987/futebol-feminino-primeira-tecnica-de-marta-no-vasco-lembra-do-inicio-da-jogadora-no-clube>. Acesso em: 28 maio 2026.

Gabi Zanotti, do Corinthians, critica estrutura de ônibus da Libertadores feminina; veja fotos. ge.globo.com, [s.l.], 14 out. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2024/10/14/gabi-zanotti-do-corinthians-critica-estrutura-de-onibus-da-libertadores-feminina-veja-fotos.ghtml>. Acesso em: 28 maio 2026.

GALLARRAGA, Naiara; PIRES, Breiller. *Marta, a rainha do futebol*. EL PAÍS Brasil, São Paulo, 9 jun. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/04/eps/1559648295\\_962249.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/04/eps/1559648295_962249.html). Acesso em: 22 maio 2026.

GE EPTV. Post [Marta camisa Ferroviária]. **Instagram** [28 out. 2023]. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DBrF5VRRF\\_F/?igsh=MWVueTd3b3JjNGExMQ%3D%3D](https://www.instagram.com/p/DBrF5VRRF_F/?igsh=MWVueTd3b3JjNGExMQ%3D%3D) Acesso em: 03 abril 2026, 15:30:03.

GE TV. Post [divulgação amistoso seleção feminina]. **Instagram** [18 abr. 2026]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DXSWuiqj4Lp/?igsh=ZHhpeTh3bTh1Z3c5> Acesso em: 28 abril 2026, 18:24:02.

GODOY, S. A. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**. São Paulo: v. 35, n.3, p, 20-29, mai/jun 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Entrevista. In: UNIVERSA (UOL). **Por que, afinal, o futebol feminino ainda é tão renegado no Brasil?** 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/06/08/por-que-afinal-o-futebol-feminino-ainda-e-tao-renegado-no-brasil.htm>. Acesso em: 30 mar. 2026.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: Entre sombras e visibilidades**. Resvita brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, jun./2005. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/239555380\\_Mulheres\\_e\\_futebol\\_no\\_Brasil\\_Entre\\_sombras\\_e\\_visibilidades](https://www.researchgate.net/publication/239555380_Mulheres_e_futebol_no_Brasil_Entre_sombras_e_visibilidades). Acesso em: 30 mar. 2026.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Marta**. Olympics.com, [s.l.], [202-]. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/atletas/marta>. Acesso em: 28 maio 2026.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; VELOSO, Ana Maria da Conceição; CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. **Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos**. Revista Eptic, São Cristóvão, v. 18, n. 1, p. 168-184, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/4635/pdf>. Acesso em: 6 abr. 2026.

LIRA, Karen de Oliveira; REBOUÇAS, José de Paiva. **O futebol feminino e a cobertura da mídia brasileira**. In: INTERCOM – CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 24., 2024, Natal. *Anais [...] Natal: Intercom, 2024*. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/12/1553/032820242041146606001a2d152.pdf>. Acesso em: 28 abril 2026.

MACHADO, Camilo Pinheiro. **Marta é aplaudida de pé na ONU: “O preconceito e a falta de oportunidade já me doeram”**. [ge.globo.com](http://ge.globo.com), Nova York, 20 mar. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/marta-e-aplaudida-de-pe-em-cerimonia-para-mulheres-na-onu-o-preconceito-e-a-falta-de-oportunidade-ja-me-doeram.ghtml>. Acesso em: 28 março 2026.

MARANHÃO, Rafael. **De volta “em casa”, Marta enfrenta time onde virou melhor do mundo**. [ge.globo.com](http://ge.globo.com), Estocolmo, 7 maio 2012. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2012/05/de-volta-em-casa-marta-enfrenta-time-onde-virou-melhor-do-mundo.html>. Acesso em: 28 maio 2026.

Marta 40 anos: veja 40 momentos marcantes da carreira da melhor jogadora da história. [s.l.], 19 fev. 2026. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2026/02/19/marta-40-anos-veja-40-momentos-marcantes-da-carreira-da-melhor-jogadora-da-historia.ghtml>. Acesso em: 28 março 2026.

Marta completa 37 anos; veja feitos da maior jogadora da história do futebol. Lance!, [s.l.], 19 fev. 2023. Disponível em: <https://www.lance.com.br/galeria-premium/marta-completa-anos-feitos-maior-jogadora-historia-futebol.html>. Acesso em: 28 março 2026.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata.** *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 69-84, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/33360/17632>. Acesso em: 28 maio 2026.

MASCARENHAS, G. **O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios.** In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 67-85. ISBN 978-85-2321238-4. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-05.pdf>>

MORATELLI, Valmir. **TV Globo anuncia novo dia fixo para transmissões do futebol feminino.** *Veja*, 14 out. 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/tv-globo-anuncia-novo-dia-fixo-para-transmissoes-do-futebol-feminino/>. Acesso em: 28 abril 2026.

NIKE. **O futebol foi proibido, mas elas resistiram.** Disponível em: [https://www.nike.com.br/guia-de-produtos-nike/o-futebol-foi-proibido-mas-elas-resistiram?srsltid=AfmBOoqu5Ok-fPAG\\_Y-V\\_KuOp-ALFa3S14dIhBUbJEXpscPp6F8QBdS](https://www.nike.com.br/guia-de-produtos-nike/o-futebol-foi-proibido-mas-elas-resistiram?srsltid=AfmBOoqu5Ok-fPAG_Y-V_KuOp-ALFa3S14dIhBUbJEXpscPp6F8QBdS). Acesso em: 05 de abril de 2026.

O decreto-lei que proibiu mulheres de jogar futebol no Brasil por 40 anos. *Revista Galileu*, [s.l.], 17 jul. 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/07/o-decreto-lei-que-proibiu-mulheres-de-jogar-futebol-no-brasil-por-40-anos.html>. Acesso em: 24 abril 2026.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Quando o futebol feminino atraiu multidões durante a Primeira Guerra Mundial.** Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/quando-o-futebol-feminino-atruiu-multidoes-durante-a-primeira-guerra-mundial/>. Acesso em: 05 de abril de 2026.

OLIVEIRA, A. F. DE. **Origem do futebol na Inglaterra no Brasil.** *RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 4, n. 13, 24 nov. 2012. Disponível em: . Acesso em: 28 de março de 2026.

PAVEAU, Marie-Anne. **Ce qui s'écrit dans les univers numériques.** *Itinéraires*, Paris, n. 2014-1, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/itineraires.2313>. Acesso em: 28 maio 2026.

QUERO ser como a Marta: como a maior artilheira do Brasil se tornou a maior de todos os tempos e um ícone em seu país. *CNN Brasil*, [s.l.], 2 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/outros-esportes/quero-ser-como-a-marta-como-a-maior-artilheira-do-brasil-se-tornou-a-maior-de-todos-os-tempos-e-um-icone-em-seu-pais/>. Acesso em: 28 abril 2026.

**Race/ethnicity and gender in sport practice and performance.** *International Review for the Sociology of Sport*, London, v. 39, n. 3, p. 301-321, 2004.

Marta se emociona e cobra novas jogadoras... *ESPN Brasil*, 23 jun. 2019. Disponível em: [https://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_/id/5763094/marta-se-emociona-e-cobra](https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/5763094/marta-se-emociona-e-cobra)

[novas-jogadoras-do-brasil-chorem-no-comeco-para-sorrir-no-fim-nao-vai-ter-marta-para-sempre](#). Acesso em: 20 maio 2026.

STERKENBURG, J. e KNOPPERS, A. Dominant discourses about race/ethnicity and gender in sport practice and performance. *International Review for the Sociology of Sport*, London, v. 39, n. 3, p. 301-321, 2004.

STERKENBURG, J. e KNOPPERS, A. **Dominant discourses about**

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática**. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013.